



Sport Lisboa e Benfica

N.º 63

16 de Fevereiro
de 1944

MANUEL DA COSTA

O magnífico interior-direito
do «Sport Lisboa e Benfica»

(foto Nunes d'Almeida)

A LUTA MANTEM-SE CHEIA DE DÚVIDAS

Apontamentos colhidos na leitura das vitórias e derrotas

por TAVARES DA SILVA

OS bons sintomas acentuam-se. Como é próprio dos torneios a sério, a luta apresenta-se cheia de dúvidas, não se sabendo quem triunfará. É certo que um dos grupos que fazia parte do lote com possibilidades (Belenenses) se deixou atrasar de tal modo que, as suas esperanças já estão reduzidas, ou desapareceram por completo. Mas há ainda tantos motivos de dúvida que o chamado *intéresse pela classificação geral* se mantém vivo, e até mais palpitante.

Há razões para reforçar os pontos de vista que estavam na ordem do dia, pois a jornada do passado domingo, com o número 12, só confirmou aquelas conclusões. O Sporting e o Benfica persistem em não entregar a quem quer que seja os lugares de predomínio. Há ainda muito caminho a percorrer, mas não restam dúvidas: Sporting, pelo seu fundo ou manifesta preparação; Benfica, pela sua fibra e pelo sóro ardente que palpita nas suas activas fileiras, não se deixarão bater com facilidade, justificando-se perfeitamente os postos ocupados (1.º e 2.º lugares na tabela dos pontos).

Atlético e Olhanense são grupos que continuam a infundir respeito. Vai começar agora a rude tarefa para o Atlético (seus próximos adversários: Belenenses nas Salésias; Académica na Tapadinha; Sporting na Tapadinha; Benfica no Campo Grande), e um pouco para o Olhanense, que defrontará já o Sporting no estádio do Lumiar. Veremos como os *teams* reagem, isto é, se a sua tempera resistirá à dureza dos combates, ou não. Que, seja como for, ninguém pode tirar às duas equipas-revelação o mágico papel de animadoras dum torneio que precisava de animação. O Atlético descansou no passado domingo. Mas o Olhanense deu novamente a ideia das duas possibilidades como *team* — uma vez lançado no ataque. O Pórtó segue serenamente a sua marcha comportando-se muito airoso, mais do que seria lícito exigir-se.

Atente-se ainda no poder do Vitória (Setúbal) em sua casa, a indicação clara de que o grupo começa a adquirir o *calo* que dá insensivelmente a luta.

Passando por cima do Vitória (Guimarães) e do Salgueiros, deve afirmar-se que a Académica continua sendo a *lanterna-vermelha*, embora a expressão do seu jogo seja digna dum campeonato como o Nacional. Julgamos, no entanto, que a preparação física do *team*, deve ser insuficiente, não só pelo que sucedeu no passado domingo mas pelo que tem sucedido noutras jornadas (vidé *segundas partes*). Enfim, o futebol domina o desporto português, continuando a fazer-se jogo de qualidade aceitável, e chamando aos campos verdadeiras multidões.

Não basta o «desenho» no terreno. Ganha-se — marcando bolas.

O Benfica parecia destinado a perder nas Salésias. O *arranjo* era de molde a causar apreensões aos seus partidários, não só pelos que deixaram de alinhar como ainda pelo estado físico dos que formaram. Verdade, o Belenenses também não contava com Rafael (cuja ausência é sensível, devido à falta de rematadores em Belém), e com Serafim, este com a fortuna dum substituto que se portou magnificamente, dando-nos a indicação clara de ter sido encontrado mais um valor (Ramos Silva).

Mas não há dúvida que, sobre o papel, dadas as razões apontadas, e ainda a circunstância de se jogar na relva e em ambiente belenense (os *goals* cortam o entusiasmo às populações clubistas), todos os favoritismos iam para o *team* que perdeu. Até nisto a bola é atraente.

E o Benfica venceu. E venceu justificando as apreensões dos seus adversários, que, ao longo de toda a partida viram normalmente desenvolver-se o jogo no campo *vermelho*. Sim-

plesmente, no ataque, e o Belenenses esteve realmente ao ataque muitas vezes, o *team* das Salésias nunca deu a sensação de perigo, mostrando-se dum impotência a toda a prova no capítulo do remate. Tão forte nos chamados esquemas de jogo, com pequenos toques ou com a jogada deefeito, como fraco em frente das redes, na altura em que os avançados se devem mostrar grandes. Pelo contrário, Benfica constituiu sempre uma *ameaça*. A lâmina esteve constantemente suspensa das redes adversárias, pondo em trase o bloco da defesa. Nunca, nem na altura dos *dez homens*, o Benfica deixou de ameaçar, comportando-se em campo de modo a tornar a ameaça efectiva.

Aos 7 minutos, o Benfica estava francamente em vencedor, e por 2-0. O Belenenses, convencido da sua superioridade?, ou sabendo o tempo que tinha ainda na sua frente, recebeu esta *dose de goals* com calma. A medida, porém, que o tempo decorria, com um Benfica a defender-se como mais ninguém seria capaz, com vontade e energia impressionante, essa calma foi aos poucos desaparecendo, sendo substituída pelo natural nervosismo, próprio de quem domina territorialmente, e não vence.

O Belenenses, com bons *desenhos*, facilitou a tarefa defensiva do Benfica, jogando com uma *lentidão* com seu quê de enervante, para o que contribuiu o labôr dos médios (principalmente de Amaro) que raramente entregaram a bola de um golpe, antes correram sempre com o esférico nos pés, facilitando a *cobertura* dos avançados.

Quando os encontros decorrem como o das Salésias pode dizer-se que, para a vitória, contribuiu tanto o *team* vencido como o vencedor, nem se sabendo a quem pertencerá o maior quinhão no desfecho.

Desafios com duas fases

Os desafios como o Pórtó-Salgueiros, mesmo quando integrados em ampla competição, não perdem o *sabôr* de prato regional. Este não fugiu à regra, transformando-se numa luta plena de interesse, pelo menos, numa *parte*, o que já não é mau de todo.

Caracterizam-se facilmente, mesmo a distância, os desafios como o Pórtó-Salgueiros: uma fase de equilíbrio; e período de desequilíbrio. Aquela, justificada pela *subida* do grupo mais fraco que, deseioso de impôr-se, se torna igual ao adversário. Este, que surge quando o fôlego do grupo mais fraco começa a desaparecer, e quando todas as esperanças desaparecem com a marcação do primeiro *goal* do *team* mais forte. Porque o primeiro *goal* é o mais difícil.

Foi assim mesmo. Belo Jogo, na 1.ª parte, com os grupos em acentuado equilíbrio, e porventura o Salgueiros, mais perigoso. Depois, no segundo tempo, o Salgueiros deixou-se dominar pela resistência e melhor técnica do adversário, que pôs a bola rente ao terreno para o *passo da precisão*, utilizando os extremos.

Porque o mérito do Salgueiros está na luta que deu. Depois de sofrer o quinto *goal* — ainda quiz espreguiçar-se, verdade seja. Era tarde!

Um grupo que domina pela coesão

Não tem dificuldades as vitórias como aquela que o Atlético conseguiu no seu campo da Tapadinha. O vencedor aplica-se com segurança, e sem nervos, na certeza de que o triunfo não lhe fugirá, e o vencido limita-se à toada enérgica, com rasgos de ataque.

Ora, o Atlético deu logo no começo sensação de incontestável superioridade não só pelos *goals* conquistados (aos 11 minutos vencia por 2-0) como pelos *goals* que, por causas fortuitas, deixou de marcar. Depois, como se justificava, veio o natural abrandamento.

Simplemente, o Vitória (Guimarães) aproveitou esse período a que chamaremos de *socôgo* para insistir em vários golpes, dando à

partida as características de animação que perduraram até o último apito.

O Atlético voltou a demonstrar a coesão do seu grupo, quer quando se lança ao ataque, ou quando toma, forçada ou voluntariamente, um papel defensivo. Esta última vitória do Atlético tem menos mérito do que, exactamente, a *coesão* revelada pelo grupo da Tapadinha.

Velocidade e técnica. Ganha-se no último pontapé...

Não há nada melhor, para o futebol dum região, do que o seu grupo representante responder às aspirações dos apunhaçados. Às vezes basta que o *team* faça umas coisas...

Que não é, precisamente, o caso do Vitória (Setúbal), a quem fez imensamente bem a entrada no campeonato nacional. O grupo calejando-se na luta dura e que cheia a pólvora, afirma uma personalidade que não é outra coisa senão o conjunto das qualidades dos seus componentes.

As equipas que não são senhoras dum técnica perfeita precisam, nas chamadas lutas grandes contra os grandes *teams*, de se darem inteiramente à luta. E não há forças humanas que cheguem ao efeito. De sorte que, desta forma, semelhantes equipas chegam a ideia de falta de fôlego — quando, em verdade, assim não acontece.

O caso do Vitória contra o Sporting pode ilustrar o que dizemos. O *team* jogou com velocidade e energia, quasi em fúria. Era a maneira de cobrir a insuficiência técnica.

O Sporting opôs à formula da velocidade e da energia uma boa colocação no terreno, a boa organização da sua defesa e constante apêgo à luta, que a isso obrigava uma falange de apoio decidida aos *grandes momentos*.

Uma vez chegado o limite da resistência setubalense, o Sporting pôde, então, confirmar a sua superioridade não só técnica, como ainda no aspecto de preparação física (os *teams* robustos dão-se bem nos torneios prolongados e de duro esforço), forjando ataques em massa, com predomínio da passagem ou combinação a meia altura. Marcando um *goal*, aos trinta e dois minutos, tudo parecia estar jogado, até porque esse ponto reflectia, merecidamente, a vantagem lisboeta.

Num golpe, porém, e contra a chamada *corrente* (faltavam dois momentos para o desafio acabar) o Vitória estabeleceu o empate. A angústia apoderou-se do Sporting. Foram segundos terríveis para a gente sportingista. Por fim, a alegria inesperada do triunfo com um *goal* que cai do céu aos trambalhões. Quando os grupos se batem assim, há só lugar para a afirmação, *logar comum*, que, como todos dessa espécie, é uma verdade: *honra para vencedores e vencidos*.

Os goals puxam-se uns aos outros

O Olhanense continua a atrair os atenções gerais do futebol português. Há no seu jogo uma frescura, um vigor e uma energia (começa já a haver também aquilo a que chamaremos *consciência ténica*) que impressionam.

Que podia fazer a Académica em Olhão? Mostrar a *classe* do seu futebol, no capítulo de organização. Mostrar como um *team* se meche bem, funcionando como um todo, ao ataque e na defesa.

Pode dizer-se que a Académica cumpriu a sua obrigação. No primeiro tempo, embora com a vantagem de *vento a favor*, o *team* deu mostras da sua capacidade, construindo e desenhando aquelas jogadas que das outras se distinguem, porque não são produto do acaso, mas obra da vontade de quem as forja e realiza.

Claro que, na mudança do vento, o Olhanense apertou e insistiu no círculo, como lhe cumpria e era intuitivo. Nessa altura, pairou no campo a certeza do triunfo algarvio, porque os estudantes remeteram-se à *fórmula defensiva*, e porque o Olhanense não se limitava a dominar, como tantas vezes sucede, mas ia concretizando, aos poucos, a sua superioridade.

O Olhanense não produzia o seu *melhor*. A verdade, e insistia-se nisto, é que a diferença de meia dúzia de *goals* aparece como exagerada em relação ao que se passou em campo. De resto, os *goals*, de certa altura para diante, não têm significado. Uns puxam os outros,

PARA ENTRETER, enquanto as pistas descansam

IV — O segredo do êxito no salto à vara

Notas técnicas por SALAZAR CARREIRA

TODO o desportista deve ser um ginnasta, mas o saltador à vara precisa de ser ginnasta consumado, direi mesmo acrobata. Os pinos, os equilíbrios, os exercícios na barra e de suspensão em cordas, os saltos de plinto, etc., fazem parte do trabalho normal de adestramento do saltador à vara, que neles procurará alcançar grande pericia e desembaraço. Só assim conseguirá satisfazer às complexas exigências da técnica do seu desporto, onde ninguém é capaz de brilhar sem absoluto domínio muscular, perfeita coordenação, agilidade e força.

O salto com vara, para alcançar alturas apreciáveis, que começam a partir dos três metros e meio, obedece a rígidos preceitos mecânicos e a impecável harmonia na sequência das acções musculares e na sua aplicação oportuna relativamente à evolução do exercício. Como sucede em regra, são os pequenos por-

inferiores, puxa a vara para baixo e para trás, dificultando a sua trajectória ascensional (fig. 2). É este o grande defeito da maioria dos saltadores, que fornecem com os seus erros armas ao pior dos inimigos: a acção da gravidade, contra a qual a sua subida no espaço é um reptio audacioso.

A fig. 3 mostra o momento em que deve ser empregada favoravelmente a tracção dos braços, na terceira fase, quando os membros inferiores subiram já e se encontram ao nível do olhar do saltador; nesse instante preciso, em que se inicia a extensão do corpo para cima, a flexão dos braços auxilia a subida do centro de gravidade e favorece a fase seguinte (golpe de tesoura, rotação de meia volta e extensão dos braços acima das mãos) que coloca o atleta em pino no apoio da vara.

Esta mesma figura mostra-nos, nas duas últimas posições, a oportunidade e razão de ser dos terceiro e quarto pormenores — que indicamos como essenciais na execução técnica do salto.

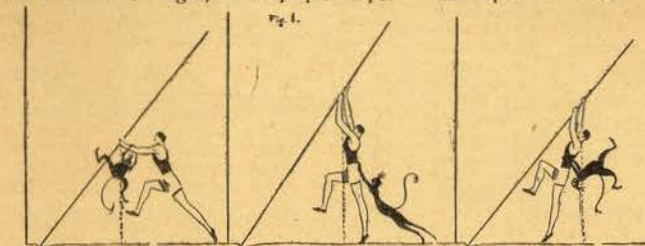
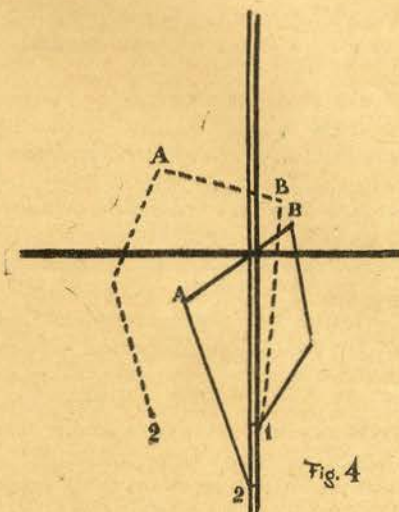


Attingido o extremo da elevação, trata-se de transpôr a barra — e para isso (com tanta mais necessidade quanto mais elevada ela estiver e portanto mais baixa a posição relativa das mãos na vara) é preciso esquivar a parte superior do tronco, que derrubaria o obstáculo depois de passadas as pernas.

Em vez da antiga bandeira, braços recuados e peito saliente, o saltador quebra bruscamente pelas ancas, formando com as pernas e o tronco

um acento circunflexo, que traz em consequência a elevação da bacia e o recuo da caixa torácica.

Nesse momento faltará apenas ao saltador largar as mãos para cair além da barra — quarto ponto importantíssimo para o resultado do salto e que os especialistas portugueses esquecem sempre. Porque se executam melhor os gestos cuja finalidade se compreende, repito a expli-



menores que exercem maior influência final no aproveitamento do esforço, embora ao praticante preocupem muito mais os movimentos gerais.

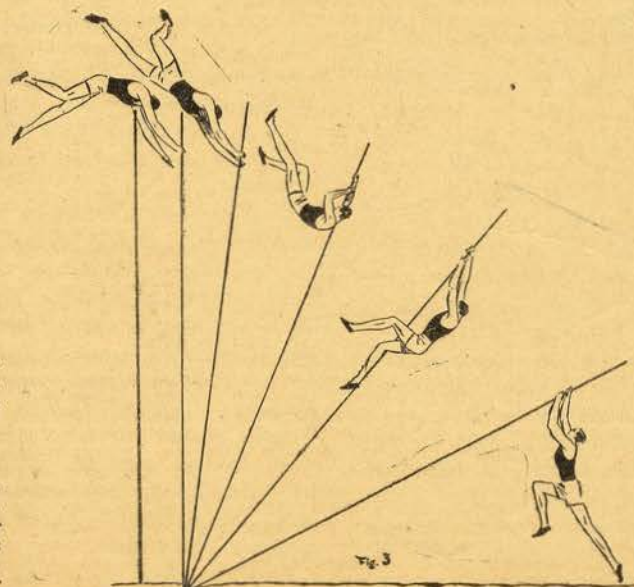
Todo o trabalho do saltador à vara, para aproveitamento da boa corrida e da elevação regular, está condicionado por quatro pormenores: relação entre o ponto de apoio das mãos na vara e o ponto de chamada; momento de início da tracção activa dos braços; esquiava do peito pela flexão angular do corpo; e libertação prévia da mão inferior.

Vamos analisá-los sucessivamente. No salto à vara, o atleta vem animado de determinada velocidade de translação, que a cravagem da vara e a impulsão da perna de chamada transformam em força ascensional; o aproveitamento máximo dessa velocidade horizontal para a subida do corpo arrastado pela vara, está na dependência da situação do ponto de chamada relativamente ao ponto de suspensão na vara (fig. 1).

O sitio da chamada deve sensivelmente coincidir com o ponto de projecção vertical do apoio das mãos na vara, como indica o esquema 2; se for demasiado atrasado ou adiantado, como em 1 e 3, provoca no primeiro caso uma sacudida brusca, que impede a ascensão regular do corpo, e no segundo um acréscimo de peso morto, porque o centro de gravidade cai atrás do ponto de impulsão e o movimento pendular não pode efectuar-se.

Descolando do solo arrastado pela vara, o saltador tem toda a conveniência em não opôr a mínima reacção à força ascensional; qualquer esforço por ele aplicado na vara, enquanto vai suspenso e ela sobe para a vertical, equivale a uma travagem diminutiva da abertura máxima do ângulo que a mesma vara virá a fazer com o solo no termo do seu movimento de aproximação para o obstáculo.

O saltador que descola com os braços estendidos e as mãos segurando a vara por cima da cabeça, e exerce imediata tracção para flectir os braços e elevar os ombros antes de concluir o movimento oscilatório dos membros



cação que apresentei no meu livro «Atletismo» e me parece ainda a mais elucidativa.

Examinemos o esquema da fig. 4, onde está representado o traço horizontal da barra, a vara e, em síntese, a linha A B dos ombros do saltador, cujos braços são B1 e A2; a posição correspondente ao momento em que o corpo flecte é indicada a traço cheio; se nessa ocasião o saltador larga simultaneamente as mãos da vara, arrisca-se ao derrube, como o prova a posição da linha A B em relação à barra. Mas se proceder como aconselha a experiência, libertando primeiro a mão inferior e estendendo o outro braço (B1) antes de soltar também a mão respectiva, lucrará uma subida B B, que é igual à distância que separava as mãos na vara, ao mesmo tempo que o ombro A ganha altura ainda maior e a linha escapular A B se safa do nível da barra.

Recomendamos aos saltadores à vara, agora que principiam os treinos em campo, o estudo destas indicações, até delas bem se compenetrarem, para aplicação consciente na altura própria do salto.

ANO XII — Lisboa, 16 de Fevereiro de 1944 — II SÉRIE-N.º 63

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
1. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de **NEOGRAVURA, LTD.**
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O Carnaval de outros tempos

UM JOGO DE FUTEBOL EM 1910

O Entrudo de agora não passa de vaga recordação de outros tempos... Até mesmo a nota graciosa do Carnaval das crianças torturadas na maior parte das vezes, mas sempre bonitas, se perdeu quasi por completo. Tudo é poeira de um passado que deixou saudades... E visto que o Entrudo é pouco mais do que o pretexto para a recordação, lembremos o que era o Carnaval desportivo de há trinta anos...

Não havia, então, quem jogasse futebol a sério nessa quadra. A mocidade foliava pelas ruas, nas sociedades e nos teatros. O «corso» pela avenida da Liberdade ou as batalhas furiosas de tremoço, «coco-tes» e outros projecteis, nas ruas do Chiado, constituíam a preocupação da época e levavam tôdas as energias. Não havia tempo para pensar no desporto...

Por volta de 1910, o costume, no que o desporto se refere, consistia em realizar desafios de futebol com os jogadores mascarados. O «travesti» mais generalizado, para provocar hilariedade entre o público, não ia além de «patrões» e «sopeiras»... Havia sempre o recurso da indumentária familiar. Os jogadores mascaravam-se em casa — e iam para o campo de eléctrico. Nada mais simples e mais económico...

As gravuras que ilustram estas notas evocam um desafio disputado no Carnaval de 1910, no antigo campo de Palhavã. Já lá vão 34 anos... Alguns dos jogadores desapareceram no turbilhão da vida. E desapareceu o costume de brincar o Carnaval. O campo de Palhavã, sacrificado à expansão citadina, desapareceu também há anos. O clube proprietário do campo, o Império, depois Império Lisboa e Clube Desportivo de Palhavã, existe ainda, mas teoricamente, como velha reliquia do desporto lisboeta...

Este jogo de 1910 teve honras de reportagem gráfica na excelente revista que foi o «Tiro e Sport», figurando os jogadores e os «oficiais» — árbitro e auxiliar — com os nomes ligeiramente... mascarados...



O «onze» das «Patrões» compunha-se, em maioria, por jogadores do Internacional, alguns deles gentlemen do desporto: Gastão e Eduardo Luiz Pinto Basto, da geração dos introdutores do futebol em Portugal; Nuno de Vasconcelos, dos primeiros grupos que se organizaram entre nós; Plácido Duro, jogador e tenista, falecido em plena mocidade, Carlos Sobral, atleta completo, que morreu em África; e Paulo de Eça, Adolfo Burnay, Heraldo Ribeiro e José de Sousa Prego. Augusto de Freitas foi aproveitado como substituto de Cosme Damião, por este não haver arranjado

roupa que lhe servisse... Por isso Freitas não está vestido de «patrões». Aproveitou talvez o «dominó» com que regressou de qualquer baile... Neste grupo, é estupenda a «charge» de Sousa Prego — disfarçado de bailarina...



Grupo das Patrões — Da esquerda para a direita — De pé — Gastão Pinto Basto, Heraldo Ribeiro, Eduardo Luiz Pinto Basto, Adolfo Burnay, Plácido Duro, N. N. e José de Sousa Prego. Sentados — Carlos Sobral, Nuno de Vasconcelos, Paulo de Eça e Augusto de Freitas. Juiz de Campo — à direita — Cândido Silva. Auxiliar — à esquerda — Ildefonso Tocha



Grupo das Sopeiras — Da esquerda para a direita: — De pé — António Bentes, Jorge Cadete, Francisco Stromp, Dr. Borja Santos, Joaquim Alves e Alfredo Camecelha. Sentados — Daniel de Freitas, Albino Abranches, Travassos Lopes, Basileu Dantas e Dr. Filipe Mendes.

O Império constituiu a base do grupo de «sopeiras» com António Bentes, dr. Borja Santos, Joaquim Alves, Alfredo Camecelha, Daniel de Freitas, Albino Abranches, Travassos Lopes, há anos no Funchal, Basileu Dantas, Jorge Cadete, então toureiro famoso, mas que não jogava futebol de competição, Francisco Stromp, uma recordação sempre viva no Sporting e que nunca abandonou os «leões», e o dr. Felipe Mendes, que chegou a ser governador civil de Lisboa.

Desempenhou as difíceis funções de árbitro um atleta falecido, Cândido Silva, que foi artista de fina tèmpera, deixando uma valiosa colecção de caricaturas de gente do desporto do seu tempo. Dizem-nos que foram difíceis as funções do árbitro, porque reclamou a presença de um auxiliar... Coube êsse papel a um jogador também já falecido — Ildefonso Tocha.

Êstes nomes são por certo lidos, e admiradas as fotografias, com uma ponta de saudade pelos que já dobraram o cabo tormentoso dos cinqüenta anos. E os mais novos talvez olhem para isto com um pouco de inveja...

Bons tempos! Havia mais alegria... E a camaradagem não era palavra vã!

Mário de Oliveira

Acontecimentos da Semana

ESGRIMA: 1 — Humberto Rodrigues, Henrique Santos, António Bayard e Carlos Gouveia Franco, de pé, e Edmundo Gouveia Franco, que com Andrade Barreto disputaram o torneio de segundas categorias de florets, a que fazemos referência noutro lugar. DESPORTO CORPORATIVO: 2 — Grupo dos atletas aos quais foram distribuídos prémios da D. G. D. RATIVO: 3 — O sr. Aiala Botto, inspetor da D. G. D. ATLETISMO NO SPORTING: 3 — O sr. Aiala Botto, acompanhado do dr. Salazar Carreira e do vice-presidente dos «leões» (3) e Francisco Bastos dirigindo um dos treinos. DESPORTO NA «MOCIDADE»: 5 — Os grupos de futebol do Liceu de Pedro Nunes e do Liceu de Camões, acompanhados das srs. capitão Gomes Marques e do tenente Pires Monteiro



3

2

O BALANÇO DE UMA ÉPOCA

Alguns dos melhores resultados

ANALISADAS em conjunto as notas e resultados incluídos nos artigos anteriores, julgamos necessário fazer algumas rectificações.

No que respeita a «records» de Portugal e de categorias, omitimos, por lapso, dois: o de júniores em 300 metros livres, de António Jardine Neto, do Algés, fixado em 4 m. 18 s. 4/10, na piscina de Espinho, em 11 de Julho, no festival de inauguração; e o de senhoras principiantes, nos 100 metros de costas, de Arceolinda Ribeiro, do União de Coimbra, estabelecido em 25 de Julho, na piscina fluvial daquela cidade, no tempo de 4 m. 56 s. 8/10.

Os «records» de Joaquim Baptista Pereira, do Alhandra, nos 500 metros livres (7 m. 2s. 4/10) e de Júlio Mendes da Silva, individual, nos 500 metros de braços (8 m. 20 s.), apontados como sendo apenas de categorias, são «records» de Portugal, ou seja de todas as categorias. Em contra-partida, o de Maria de Lourdes Bessone Bastos, do Algés, nos 100 metros de costas (1 m. 36 s. 5/10), é somente de senhoras júniores, pois o de Portugal continua a ser de Maria Gourinho, também do Algés, em 1 m. 34 s., desde 1939.

Há outro resultado do festival de inauguração da piscina de Espinho que ficou sem registo — o de João Antunes da Silva, do Algés, em 1 m. 24 s. 1/5. É o segundo melhor resultado de 1943. A respectiva lista, com esta rectificação e com as alterações do último artigo, passa a ser:

1 m. 23 s. 1/5 — Joaquim Baptista Pereira (A. S. C.); 1 m. 24 s. 1/5 — João Antunes da Silva (S. A. D.); 1 m. 25 s. — Júlio Mendes da Silva (individual); 1 m. 25 s. 2/10 — Eduardo Câmara e Sousa (Estoril); 1 m. 26 s. 4/10 — George Bleck (Estoril); 1 m. 27 s. — Afonso Gonçalves (S. A. D.); 1 m. 27 s. 1/5 — Edmundo Fragata (A. A. Coimbra).

Os clubes e o «water-polo»

A época oficial, embora não tendo em «water-polo» a animação que seria de desejar, não esteve completamente inactiva. Mercê do impulso de propaganda que a «Stadium» deu ao «water-polo», passando da propaganda jornalística para o campo do estímulo directo, com a concessão de uma taça, fez-se um «Torneio de Preparação», organizado pela Federação Portuguesa de Natação, sob o patrocínio da nossa revista.

Todas as fórmulas de organização são dignas de apreço e aplauso quando correspondem a um pensamento bem orientado; e todas são susceptíveis de êxito e insucesso. A fórmula encontrada pela Federação — base do torneio no recrutamento e selecção de gente nova — era digna de um êxito mais lisonjeiro. Saiu-se, porém, do marasmo dos outros anos. E o esforço desenvolvido há-de ter compensação no decurso do ano corrente. Assim o esperamos, pelo menos.

No «Torneio de Preparação» inscreveram-se apenas dois clubes, mas com três equipas — duas do Algés e uma do Alhandra. Disputou-se unicamente o jogo Algés (A)-Alhandra, sob a arbitragem do nosso prezado amigo Gustavo Pereira da Costa. Venceu, bem, o Algés, por 12-0, em 3 de Outubro, já no fim da temporada. A equipa B do Algés desistiu, depois. A classificação foi, pois, fácil — 1.º, Algés (A); 2.º, Alhandra.

Este resultado bastaria para nos dar a certeza de que dois clubes se dedicavam ao «water-polo». Apareceram, porém, outros sintomas de trabalho pelo ressurgimento de um jogo desportivo com base na natação. Entre eles destacamos dois: o facto de o Alhandra ter disputado três jogos e a realização de um encontro entre nadadores do Estoril Praia.

O Alhandra bateu um grupo mixto, em 11 de Julho, na sua piscina, por 5-0, e foi vencido pelo Algés, também na sua piscina, em 14 de Setembro, por 0-9. Fechou, pois, a série — com uma vitória e duas derrotas. O Estoril disputou um desafio entre brancos e pretos, ganho pelos

Quando CONSTANT LE MARIN venceu KAWAMULA...

O Coliseu transbordava... Gente a vibrar até mais não poder ser, que partia cadeiras se fosse preciso (e tantas partiu...) para condenar veementemente as «atrocidades» do lutador que na «troupe» desempenhava o papel de *mau* — papel que, geralmente, mudava de «intérprete» de país para país; gente que comparcia apenas para ver um desporto extraordinário de beleza atlética, esquecendo o resultado técnico, ao sabor das conveniências do momento, para se deleitar com as excelentes fases, que de verdade lhe eram proporcionadas. Até à altura de encontrar o vencedor, os lutadores exibiam toda a gama do seu saber e não se poupavam. Via-se boa, autêntica greco-romana, com todos os seus fulminantes ataques e calmas e certas contra-respostas. Como também em luta livre e «ju-jutsu» passaram por Lisboa magníficos especialistas.

Naquela noite, em que a enorme sala do Coliseu deitava por fora, derimia-se uma desforra de «ju-jutsu» entre Constant Le Marin, o belga de bela estampa, sóbrio de atitudes, simpatia em pessoa, por instinto e porque convinha ao interesse do torneio, e Kawamura, um japonês endiabrado, conhecedor exímio dos segredos da luta oriental e que noites antes tinha derrotado Constant.

Fizeram-se as lutas preliminares, mais ou menos curtas, de molde a permitir que a principal demorasse o tempo necessário para gastar os nervos dos espectadores...

Quando os dois adversários subiram ao estrado reboaram, intermináveis, os aplausos. Kawamura não era antipático ao público. Mas naquele momento Constant Le Marin era o nome preferido — com mais preferência... A peleja começou, golpes sobre golpes. O japonês prendeu o pé ao belga, procurando dominá-lo pela dor... Constant libertou-se. Na segunda «réprise», a multidão levanta-se... O belga consegue torcer um braço a Kawamura, que acusa a violência do golpe; depois de uns segundos de expectativa e emoção, o oriental safá-se, qual enguia, das mãos possantes de Constant. Terceira e quarta «réprises». Os dois adversários suam. Kawamura, na sua equipa branca, parece abalado... Entra-se no quinto assalto. Constant Le Marin, tocado por um golpe subtil, quasi imperceptível, cai. Kawamura vai-lhe no rastro, tentando imobilizá-lo. Constant tem uma finta rapidíssima, prende-lhe a cabeça, como se fosse empregar um golpe de greco-romana, e de seguida agarra-se à perna esquerda e dobra-a com toda a força. O japonês solta um uivo de dor... Debate-se com fúria, o público delirante... e Constant sempre a dobrar a perna de Kawamura, que não quer consentir-lho. Passam 30 segundos, talvez um minuto. O belga, resfolegando, não larga a presa — e por fim o Coliseu vem abaixo quando o japonês, sempre uivando como uma fera, dá a característica palmada no chão, que no «ju-jutsu» significa declarar-se vencido!...

*

Constant Le Marin, o homem do cinturão de ouro, aos 19 anos campeão amador de greco-

brancos, por 4-3. Em ambas as equipas alinharam jogadores afeitos ao «water-polo» nos torneios internos do Algés.

O grupo mixto que jogou contra o Alhandra incluiu quatro nadadores do Nacional, dois do Naval Setubalense e um do Cimento Tejo. Julgamos, por isso, não ser difícil ao Nacional constituir o seu «sete», se conseguir facilidades de treino na piscina de Algés. É em Setúbal é possível que se pretenda reatar a obra realizada no Vitória, em natação e «water-polo».

Por parte do Algés, com uma supremacia que teve como pontos de referência os dois triunfos contra o Alhandra, houve o habitual torneio inter-sócios, em duas categorias — infantis e seniores. Manteve assim o seu pósto de melhor clube português em «water-polo».

MÁRIO DE OLIVEIRA

-romana, depois profissional, chefe de uma «troupe» onde havia magníficos lutadores, não mais subirá ao estrado do Coliseu para corresponder às saudações do público, que quando ouvia a apresentação: «Constant Le Marin, belga!», o distinguia sempre, a contrastar com os apupos dirigidos a outros menos simpáticos, por ameaçadores...

Não mais o veremos pelear em luta livre com Saint-Mars, nem em «ju-jutsu» com Kawamura, como impossível será reconstituir momentos de beleza estética e atlética, quando defrontava os três manúes portugueses, Grilo, Gonçalves e Oliveira, o espanhol Ochôa, o admirável italiano Travagliani e o possante americano Thompson. Não mais o público terá ensejo para protestar contra a «agressividade» de um Orloff façanhudo, que no estrado era irracional e uma vez projectou Constant sobre as cadeiras do «ring», (mas cá fora era um «bon-vivant», apreciando suculentíssimos bifés num café na rua do Jardim do Regedor, regados com abundante cerveja) contra o não menos «contudente» Tibermont, outro que tinha o dom de concitar as antipatias da ruidosa assistência da geral!...

... Tudo acabou, com a morte de Constant Le Marin, ocorrida em Buenos Aires, onde se fixara desde 1940. O simpático belga tinha 59 anos. Guardamos dele, pessoalmente, as melhores recordações. O especialista do «coup d'Arpin» e do «bras-roulé» não pôde vencer a força mais forte, que a todos subjuga. Destas linhas rescendem o preto de homenagem e a evocação saudosa de algumas temporadas, em que se viram em Lisboa belos trechos de luta greco-romana...

LANÇA MOREIRA

Por que se não reedita a regata CLUBE NAVAL-ASSOCIAÇÃO?

FEZ há pouco seis anos que defronte da séde do Clube Naval de Lisboa, no cais do Gás, se disputou o I Clube Naval-Associação Naval, em remo.

Foi um dia memorável para o excelente desporto, que se repetiu no ano seguinte, embora sem o brilho e aparato da primeira regata.

Dai para cá o remo decaiu espantosamente. O comodismo palpável das camaradas novas, em cujas veias parece não circular sangue estuante, o chá das cinco e... o «swing», desnotearam parte da juventude — também devido a positiva deficiência de educação.

Os clubes náuticos viram desaparecer as possibilidades de renovação das suas tripulações — e manda a verdade dizer que muito batalham ainda. Vão ficando os remadores mais antigos, agarrados sempre à sua ideia, mas acusando o inexorável peso dos anos.

Mormente em Lisboa, o remo estagnou. A província tem triunfado com relativa facilidade, embora pouco tenha feito de extraordinário.

A Associação Naval, lutando com a perspectiva de ser desaposada das suas instalações, mantem-se, mesmo assim, galhardamente, na liça. Fomenta a prática do remo, facilita a entrada de sócios, procura, enfim, com dignidade, servir o objectivo para que foi criada. O Clube Naval de Lisboa segue pisadas idênticas. Chama gente nova, proclama as virtudes do remo e organiza competições inter-sócios, com o fim de seleccionar possíveis valores, susceptíveis de amparo e progresso.

Mas a realidade é esta: não se avança um passo... Nem pela abundância de praticantes nem pela qualidade — que, a verificar-se, já seria um bem.

Estamos em Fevereiro, em plena época de preparação técnica e física. Ao bico da pena afflora uma pergunta: por que não se reedita a regata Clube Naval-Associação?

(Conclui na pág. 11)

BENFICA 2-BELENENSES, 1!



NO GRANDE JOGO DAS SALÊSIAS: 1 — Em grande esforço, Martins defende para «canto» um forte remate de M. Coelho; 2 — Martins, a figura saliente do encontro, noutra formidável defesa; 3 — Mário Coelho escapa-se a João Silva e vai centrar; 4 — Feliciano de-sarma Manuel da Costa em bom estilo; 5 — Outra defesa de Martins, plena de oportunidade; 6 — Belo aspecto da luta: José Pedro, César Ferreira e Teixeira disputam encarniçadamente a bola; 7 — A defesa do Benfica inutiliza uma avançada belenense. (Fotos Nunes d'Almeida)

O Unidos tomou a dianteira no campeonato de Lisboa

NUMA das nossas últimas crónicas ensaiámos um pequeno estudo acerca da classe e possibilidades dos jogadores que disputam o Campeonato de Portugal, tomando por base as respectivas actuações nas mais recentes provas da modalidade. Apreciando o valor global daqueles xadrezistas, a homogeneidade destes pareceu-nos, de certo modo, relativa; não nos repugnaria, então, a hipótese verosímil de se dividirem os competidores em dois núcleos distintos que, consoante os créditos já firmados, disputariam, entre si, os primeiros e os últimos lugares.

Tal não aconteceu — e metade da prova já lá vai! A que atribuir o facto de não se confirmarem as nossas previsões, que, modestia à parte, tão bem aceites foram nos círculos da especialidade?

A forma pouco regular de dois dos nossos melhores «ases» — Lupi e, principalmente, o dr. Braumann — ao passo que João M. Ribeiro e o dr. Gabriel Ribeiro se portaram de modo a excederem as melhores perspectivas, são provavelmente as causas deste equilíbrio de forças, tão absoluto como inesperado. Contrariamente ao que se poderia supor, esta homogeneidade forçada não tem acarretado, na generalidade, baixa sensível no nível técnico das exhibições. Exceptuando raros casos, a qualidade do jogo produzido tem sido do melhor quilate, sendo de notar a frequência com que se prolongam muitas das partidas até à fase do Final, o que, por não ser muito vulgar nos torneios nacionais, atesta bem o nívelamento a que já nos referimos.

De facto, ao fim da primeira volta a diferença existente entre o primeiro e o último classificado é apenas de 2 pontos, como se poderá verificar na seguinte tabela:

Carlos Pires: 3,5 (2,5); dr. G. Ribeiro e João M. Ribeiro: 3 (2); Francisco Lupi: 2 (2); G. Russel: 2 (1,5); dr. P. Braumann: 1,5 (0).

Indica-se entre parêntesis a pontuação para o campeonato propriamente dito, excluindo-se os resultados do dr. Peter Braumann, que, por ser estrangeiro, não disputa o título.

Por aqui se vê a renhida luta que se desenrolará para o título máximo, pois o «leader» passou a 2.^a volta apenas com meio ponto de vantagem sobre um grupo de três jogadores!

A actuação do campeão nacional na 1.^a volta não pode classificar-se de brilhante: as suas vitórias sobre João Mário e Peter Braumann são algo discutíveis, não tanto pela técnica em si, que foi satisfatória, mas pela grande influência que o «controle» teve nos resultados. Contudo, os jogos contra Russel e dr. Ribeiro

podem considerar-se — normais e no conjunto justifica-se a sua posição.

Mas é para João Mário Ribeiro, o jovem campeão nortenho, que vão todas as honras do torneio. A sua classe é extraordinária, principalmente se atendermos ao facto de contar apenas 14 anos de idade e pouco mais de 3 de prática de tabuleiro. Tendo vencido em elevado estilo F. Lupi, titular lisboeta, e o mestre P. Braumann, e suportado pela força dos mestres Carlos Pires e G. Russel, empatando com este último uma partida em que dominou taticamente, o simpático xadrezista português afirma-se desde já como dos melhores elementos do nosso florescente Xadrez.

Gabriel Ribeiro e G. Russel, mestres da F. P. X., são ainda hoje adversários extremamente difíceis para a moderna geração, essencialmente «livresca». Admitimos que exista certa afinidade nas características do estilo de ambos, embora Ribeiro se mostre mais «criador» — e Russel cauteloso em demasia.

Francisco Lupi começou mal, mas nas últimas sessões parece ter recuperado grande parte da sua antiga forma. Pelo menos assim o faz crer a bela partida que sustentou contra Russel. É evidente que acusa ainda os efeitos da grave doença que há poucos meses o atacou, e que só o seu carácter voluntarioso consegue superar.

O dr. Peter Braumann não está, decididamente, na melhor forma. A sua posição na cauda da classificação surpreende, pois consideramo-la bastante fraca para um jogador da sua classe. Atenuantes: o esforço que provavelmente foi obrigado a dispendir para concluir a sua formatura e o pouco interesse que a impossibilidade de disputar o título lhe deve acarretar.

Todavia, é de crer que na nova fase da prova consiga obter classificação que se harmonize com o lugar que disfruta no meio escaquístico português.

VASCO C. SANTOS

Acontecimentos da semana

CORPORATIVISMO — A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho procedeu à distribuição dos prémios dos campeonatos corporativos de 1943, sendo contemplados cerca de duas centenas de atletas. Presidiu a cerimónia o sr. dr. Manuel de Mesquita, director do pelouro da Educação Física e Desportos.

CROSS-COUNTRY — O Benfica fez disputar mais uma prova de curta-metragem entre sócios e simpatizantes, ganha por Oliveira e Silva em 3 m. 27 s. (3.000 metros), seguido por César de Jesus e Diamantino Valente.

Francisco Rodrigues venceu uma prova de 3.700 metros (11 m. 18 s. 3/4) disputada em Carcavelos. Classificaram-se a seguir: Cândido Pinto e José Costa.

FUTEBOL — Principais resultados do campeonato de juniores da A. F. L., com os resultados seguintes: Benfica-Marítimo, 10-0; Belenenses-Atlético, 3-1; Sporting-Fórforos, 3-1.

No torneio de reservas, para a taça «Artur José Pereira», Atlético venceu Operário por 6-1, Benfica derrotou Cléas por 2-1; Unidos bateu Belenenses por 1-0 e o Estoril Praia ganhou ao Sporting por 2-1.

Com entusiasmo idêntico das arrendas anteriores, prosseguiu o campeonato corporativo da F. N. A. T. Resultados mais importantes: Empresa Nacional da Publicidade («Diário de Notícias»)-Papelaria Fernandes, 2-2; Oficinas de Material de Engenharia-Administração do Porto de Lisboa, 1-1; Fábrica de Louça de Sacavém-C. R. das Moagens de Ramal, 4-0.

HIPISMO — Na segunda reunião da temporada, no Jockey Clube, registaram-se vitórias de José Morais, no «Palentes», e Barros e Cunha, montando o «Jacoso».

HOCKEY EM PATINS — O Faço de Arcoz H. C. promoveu um sério de homenagem aos seus jogadores, campeões de Lisboa em 1943, nas três categorias, procedendo à distribuição de medalhas comemorativas do acontecimento.

TENIS — Manuel Lan e Vasco Guimarães ganharam as taças «Vasconcelos e Sá» e «Dr. Afonso Costa», em torneios promovidos pelo Internacional nos seus «cortijos» de Estoril.

TIRO AO ALVO — Na última sessão da prova «Maria Manuela Mendes Leite», organização do Benfica, obteve melhor pontuação (402 e 397 pontos, respectivamente) Ester Loureiro e Maria José de Almeida.

VELA — No A. C. P. efectuou-se, com grande concorrência de velejadores, a cerimónia da distribuição dos prémios das provas promovidas em 1943 pelo Clube Náutico de Portugal, de entre os quais avulta a grande regata oceânica Lisboa-Sesimbra-Sines-Estoril. Presidiu ao acto o sr. Mário de Noronha, estando presente o sr. conde de Caria, desportista da «velha guarda».

VOLLEYBALL — Começou o campeonato da Ala 3 (Lisboa) da «Moidade Portuguesa».

Um «caso» a ponderar e a resolver

(Conclusão da pág. 6)

— Mas parece-lhe razoável o desejo manifestado para alargamento da Divisão?

— Absolutamente. De facto, nesta época, com a superioridade do Estoril Praia sobre os outros clubes da 2.^a divisão, o campeonato perdeu interesse. Além disso, os estorilenses têm possibilidades para se afirmarem na categoria principal, o mesmo não sucedendo com os outros clubes seus companheiros de divisão.

— E se o Estoril Praia, por vitória nos jogos de passagem, trocar o seu lugar com o Foforos, modificar-se-á a situação?

— Embora o Foforos se revele melhor «team» do que os agrupados na 2.^a divisão, talvez não fosse tão nítida a superioridade como a verificada com os estorilenses. O brio desportivo que envolve os clubes do lado oriental da cidade anima extraordinariamente os jogos desses clubes. E a presença do Foforos concorreria, por forma especial, para animar esse baírrismo — que tem fornecido tardes magníficas de futebol.

Eis algumas opiniões sensatas e de certo modo curiosas que sobre este «caso» nos fornecem o conhecido dirigente desportivo.

FERNANDO SÁ

ESSECÉ

Henrique Santos

o português campeão de espada da América

ganhou o torneio de florete de segundas categorias

NA sala de armas do Hockey Clube de Portugal, efectuou-se no dia 7 do corrente o torneio de florete de segundas categorias. Esta competição — a segunda da especialidade promovida na presente época — foi disputada por oito atradores, entre os quais se encontravam alguns dos melhores floretistas que presentemente possuímos. De novidade — a participação de um jogador ainda pouco conhecido entre nós, mas já muito discutido: Henrique Santos, o português campeão de espada da América do Norte, vencedor de diversos torneios organizados em vários países do Novo Mundo.

Apesar da pouca publicidade feita à cerca do torneio, a sala do Hockey esteve bastante concorrida e para isso de-certo contribuiu a notícia da estreia daquele nosso compatriota em competições nacionais.

Analisando a prova tecnicamente e em conjunto, somos forçados a dizer que se jogou mal. Todos os atradores valem mais do que patentearam. Todos tiveram momentos de inspiração, que lhes proporcionaram a execução de golpes perfeitos, mas nenhum deles esteve bem do começo ao fim de qualquer assalto, mostrando-se, sobretudo, muito precipitados.

Os nervos exerceram influência preponderante no rendimento de alguns concorrentes. Houve encontros disputados com grande energia e rapidez, mas pouco acerto. Noutros verificámos desinteresse de um, quando não de ambos os contendores.

Henrique Santos foi o vencedor. A vitória sorriu-lhe, como poderia ter sorrido a Carlos Gouveia Franco. Qualquer deles a merecia — sem favor.

Santos patenteou as suas excelentes qualidades de lutador e de resistência física e a elas ficou devendo o triunfo. Começou a jogar sob grande tensão nervosa e, embora se acalmasse no decorrer da prova, poucas vezes actuou de maneira a confirmar as excelentes informações que possuíamos a seu respeito. Todavia, o pouco de bom que lhe vimos executar foi suficiente para permitir expender a opinião de que não lhe falta habilidade, nem inteligência, dois factores de importância primordial.

A sua estreia oficial entre nós não podia ser mais auspiciosa. Veremos se repete a proeza no campeonato de Portugal. Desejamos-lhe sinceramente: mais calma e mais perfeita execução dos golpes. Quanto à técnica sabemos que é difícil modificá-la. A escola italiana tem grande número de partidários, mas confessamo-nos incapazes de enfileirar entre eles...

Carlos Gouveia Franco classificou-se em segundo lugar. Quanto a nós foi ele o melhor jogador do torneio, já pela superioridade técnica que revelou em relação aos adversários, já porque lhe pertenceram as melhores frases de armas. Inferiorizou-se nos dois assaltos com Henrique Santos. Em ambos perdeu por um toque (4-5) depois de ter tido vantagem. O diabo são os nervos...

Edmundo Franco e Jorge Paiva e Pona tiveram ensino de demonstrar novamente que não lhes falta intuição, energia e rapidez. Carecem, sim, de experiência, de ponderação, sobretudo o último.

Humberto Rodrigues revelou progressos. António Bayard só esteve feliz a responder. Mas deixou sem resposta muitos ataques dos adversários. Dantas Maia também acusou melhoria. Quando atacou com decisão impôs-se. Porque não insistiu? Andrade Barreto, homem de velocidade e de energia desconcertantes, continua a lançar-se ao ataque completamente descoberto. Os seus movimentos são demasiado largos. Está ainda em muito boa altura para corrigir os seus defeitos e tirar partido das excelentes condições físicas que possui.

Para arquivar: a classificação geral da prova ficou assim estabelecida:

1.º Henrique Santos (Sala de Armas Carlos

Valem mais 50 carambolas no bilhar grande que 200 ou 300 no bilhar pequeno

— afirma João Pereira, um dos melhores «focos» portugueses e jogador internacional.

CONFORME Stadium anunciou, publicando os resultados, concluiu o Torneio de Classificação, na modalidade *por tabela*. Impunha-se, agora, conhecer uma opinião autorizada sobre o êxito da prova, valor manifestado pelos concorrentes e significado das médias obtidas. Para emitir essa opinião logo nos ocorreu um nome: João Pereira, dada a sua qualidade de membro do Conselho Técnico da Associação Portuguesa de Amadores de Bilhar e a sua categoria de jogador internacional.

— A. P. A. B. — começou por dizer o nosso entrevistado — tem boas razões para sentir-se satisfeito com o número de concorrentes que retirou o Torneio de Classificação, do *jogo por tabela*. A pequena actividade do bilhar de competição, em Lisboa, não permitia mesmo antevê-lo tão elevado, para mais sendo a prova disputada no bilhar *match* (bilhar grande) e numa especialidade que apresenta bastantes dificuldades e que, por isso, atrai, normalmente e em toda a parte, reduzido número de praticantes.

— Os resultados? Indicam, pelo menos, que alguns dos concorrentes se houveram de maneira notável e que justifica a minha esperança em conseguirmos neste difícil género de competência uma quantidade apreciável de jogadores capazes de ingressarem a média internacional de 2,5 carambolas.

— Quanto ao estilo dos jogadores...

— Bem vê. O *jogo por tabela* tem sido pouco cultivado entre nós, e, por isso, não nos admira que tenham ficado algumas deficiências de estilo. A modalidade, porque tem características técnicas muito especiais, exige também preparação especial, um *treino dirigido* que dando a aperfeiçoação e o sentido do ataque e da defesa, vai insensivelmente condicionando o estilo, que, quer dizer, portanto, criando-o. Sendo o estilo, por um lado, a maneira pessoal de cada jogador realizar a carambola, e por outro, o processo de conduzir o *jogo* em ordem ao seu rendimento e à defesa, pode concluir-se haver, ao mesmo tempo, o estilo de tacar e o estilo de *jogo*. Neste último e em resultado do seu sucessivo afinamento, não pode deixar de haver aspectos comuns, por mais original que se pretenda ser. Ora a completa posse do estilo de *jogo* requerido, e até a cristalização superior do estilo de tacar, só podem conseguir-se através do *treino aturado* e especialmente orientado. Como surpreender-nos, assim, que em tal capítulo não se notassem coisas em termos de causarem extrema admiração? Mas deixe-me dizer, todavia, e sem despirar para o geral dos concorrentes, que me agradou imenso a toada do dr. Francisco Branquinho, Alfredo Alinhão, Alvaro de Carvalho e Américo Torres. São promessas das melhores... Algumas das duas partidas foram conduzidas com inevitável sendo da modalidade e mesmo certo vigor de concepção e de execução. Tudo indica que poderão sustentar, no próximo Campeonato de Lisboa, lutas brilhantes e emotivas, com a abtenção de óptimas médias gerais. Pena foi que a doença de Alvaro Carvalho, afectando a sua habitual voluntariedade, lhe não permitisse actuar, no Torneio de Classificação que findou, a toda a altura dos seus excelentes recursos. Perdendo, de uma maneira geral, os momentos de beleza artística e de emotivas réplicas.

— Ouvimos falar de deficiências [em] certas arbitragens...

— É preciso ter em atenção, para formular um juízo justo, a nossa pequena familiaridade com provas do género da que se disputou. Tendo presente esse aspecto de novidade, deve considerar-se que de uma maneira geral, os árbitros deram boa conta de si. Mas o problema da formação de árbitros absolutamente competentes existe de facto. Há pois toda a conveniência em se iniciar uma escola de árbitros para que se possam fazer arbitragens a valer, sem lugar para os reparos e ligeiras deficiências que foi possível notar. O assunto vai ser estudado pela A. P. A. B., que espera resolvê-lo com brevidade e com o êxito preciso.

— É sensível, ainda, no nosso meio, a relutância pelo bilhar grande?

— Sim. Tenho reparado, e com pesar que não quero esconder, que os jogadores, na sua maioria, fogem do bilhar grande, certamente assustados das suas dimensões e pouco decididos a arrastar com os obstáculos que lhe oferece a condução e o domínio do *jogo*. A verdade, porém, é que a justa medida da capacidade do bilharista é revelada pela *mesa maior*. Não concordamos,

Gonçalves), com 6 vitórias e 1 derrota; 2.º Carlos Gouveia Franco («Mocidade Portuguesa»), 6-1; 3.º Edmundo Gouveia Franco («M. P.»), 5 v. 2 d. e 21 toques recebidos; 4.º Jorge Paiva e Pona Franco («M. P.»), 5-2-23; 5.º Humberto Rodrigues («M. P.»), 3 v. 4 d.; 6.º António Bayard (Hockey), 1 v. 6 d. 33 t. r.; 7.º Nuno Dantas Maia (Técnico), 1 v. 6 d., 34 toques recebidos e 19 dados; 8.º Andrade Barreto («M. P.»), 1-6-34/17.

Santos e Carlos Franco tiveram de fazer um assalto suplementar para desempate e apuramento do vencedor.

Presidiram ao júri os srs. Arménio Lopes e João Pedro Vinha. Ambos foram imparciais e fizeram o possível para não errar muito...

REINALDO, MONTEIRO

pois, com a maneira de ver dos jogadores que preferem o bilhar pequeno, só porque a lhes são accessíveis as séries de 100, 200 ou 300 carambolas. Tem incontestavelmente mais utilidade e fundamento, mais diluição o regozijo de um de 200 ou 300 na *mesa menor*.

No desenvolvimento e afinamento das faculdades físicas e intelectuais que o *jogo* exige, o bilhar grande é muito mais eficaz, já que se solicita em maior grau. A finalidade desportiva colhe deste modo maior proveito. Além disso, o prazer de carambolar é muito mais vivo e intenso na *mesa grande*. A sensação de dominar as dificuldades mais altas e fundas, mais diluído o regozijo íntimo que ela produz. Consta, a falta de cantadores do bilhar *match* não resulta apenas da relutância dos jogadores, mas também, em grande parte, da falta daqueles bilhares. Em Lisboa existem, ao todo, quatro à disposição dos milhares de amadores que frequentam as casas de bilhar. Estas ganhariam bastante com aumentar o número delas. Tendo presenciado inúmeras vezes o facto de que, enquanto se observava a partida, se apresentavam vários jogadores aguardando a sua altura para a *mesa grande*, e que frequentemente se retiravam sem terem jogado. Recordo-me de ter visto em algumas casas de bilhar de Barcelona, aonde fomos disputar o 2.º Portugal-Espanha, quatro e cinco bilhares grandes, e no Club da mesma cidade, instituição particular, nada menos de 14. Concretamente, porém, em Lisboa, não encontra obstáculos de maior a vencer na formação de jogadores com categoria internacional, para receberem das mãos dos que envelhecem o facho que simboliza a continuidade pela renúncia.

— Não? Não nos surpreendeu grandemente o facto de nenhum dos concorrentes haver atingido a média que qualifica para a 1.ª categoria; como disse já, a modalidade oferece alguns espinhos e era por isso pouco cultivada. Foi talvez o 3.º Portugal-Espanha, efectuado em Lisboa e presenciado por milhares de amadores, que abriu o apetite... As exhibições de Ferraz entusiasmaram e fizeram excelente propaganda do *jogo por tabela*. Constatamos em que, nas futuras competições, alguns concorrentes de quem venham a alcançar a 1.ª categoria. Os bilharistas de classe não são de geração espontânea... O treino e a aquisição de conhecimentos são indispensáveis à sua formação, mesmo nos casos de reais e accentuadas vocações. E sendo o rendimento do jogador em competição bastante inferior ao que ele consegue nas partidas de recreio, é-lhe ainda necessário temperar os nervos para os campeonatos, disciplinando as suas reacções. É-lhe preciso, em suma, criar o hábito da competição, de competir, de disputar, com o público a vista...

— Sim. Tencionamos não parar. No prosseguimento do calendário da prova organizada pela A. P. A. B., iniciar-se-á, no fim do mês corrente, o Torneio de Classificação ao quadro 432. Quando êste terminar, uma prova ao quadro 712, e depois às 3 tabelas e em partida livre.

Oxalá a afluência de jogadores a todas estas competições seja bastante elevada, pois que isso concorrerá para o desenvolvimento do bilhar desportivo em Portugal, única aspiração da Associação Portuguesa dos Amadores de Bilhar.

E assim terminou a nossa entrevista com João Pereira, a quem Stadium agradece a atenção que lhe dispensou.

A regata C. N. L. - A. N. L.

(Conclusão da pág. 7)

Em França disputavam-se competições de remo que ficaram célebres. Na Suíça, também. Na América do Norte e do Sul — o Brasil é exemplo número um — as regatas interessam multidões e são quase acontecimentos nacionais. E não falamos da Inglaterra, onde o duelo anual entre as Universidades de Oxford e Cambridge tem retumbância universal.

No nosso burgo tivemos a luta Nicolau-Trindade e temos o Benfica-Sporting. Podemos considerar-nos felizes... Aquêles passaram, como todos os ídolos... Restam os dois clubes de futebol, produto de outros homens que também esquecerão, mas resultante de um esforço colectivo que pode eternizar-se.

É afinal, repare-se, temos a nossos pés o local magnífico para se desenvolverem emocionantes cotejos — o Tejo — para se ver esta forte e máscula modalidade do remo, onde não há «off-sides» nem o suplicio da poeira, mas sim um quadro de beleza, em que o esforço do homem ganha cambiantes multiformes e expressão positiva de Belo e Artístico.

Daqui lançamos o alvitre: por que não se volta a efectuar a regata de remo Associação-Clube Naval?

As dificuldades — eliminam-se. Sabemo-lo por experiência própria, pois coube-nos parte bem ingrata na organização do primeiro encontro. Tudo se removeu. Tudo se solucionou.

D. L. M.



No 15.º round, cheio de fadiga, Jeffries é posto K. O. por Jack Johnson. A emoção do momento levou o fotógrafo a «decapitar» o vencedor...

O dia 4 de Julho de 1910 amanheceu cáldo e bullicioso na rústica cidadezita de Reno. Construída a dois mil metros de altitude e circundada de montanhas, cujo tom avermelhado anuncia abundante minério de cobre, era, ao tempo, um acampamento do Estado de Nevada, ansioso por um acontecimento que lhe trouxesse celebridade.

Desde a véspera que os combótos especiais chegavam de S. Francisco carregados de forasteiros, oriundos dos quatro cantos do mundo, e tanta multidão punha a nota febril — que o calor e a poeira das ruas, mal delineadas e sem pavimento, tornava asfixiante.

A gigantesca arena de madeira, tósca, montada com urgência nos arredores, sofria as últimas marteladas do acabamento, aguardando, indiferente, o imminente duelo entre os pugilistas branco e preto.

Desde há muitos dias que a venda de bilhetes terminara mas a especulação continuava, trocando-se e vendendo-se lugares de peão, cujo valor inicial era de 5 *dollares*, por vinte e mais. A policia, reforçada pela milicia estadual, que mobilizara 200 ginetes, andava numa azáfama de suar as estopinhas e os «secretas» farejavam os carteiristas e os «fôra-da-lei».

Pelas 9,30 horas da manhã os auxiliares de Jeffries foram acordá-lo, encontrando-o sonolento e atérmico. Submetido a um tratamento rigoroso na mesa da massagem reinou-se algo mais, embora confessando que a cabeça lhe pesava e doía.

Anos volvidos, ao recordar estes acontecimentos, numa época já sem qualquer paixão a influenciá-lo, Jeffries confessa e garante que alguém o teria narcotizado, lançando na comida ou na bebida o produto que lhe roubou as energias e o pôs à mercê do seu adversário.

Pelas 10 horas e 15 minutos o caudal humano principiou a irromper pelo estádio dentro, ordelramente e com lentidão. Sete passadeiras, construídas em forma de estêla, davam acesso aos vários locais ocupados pelos espectadores. O nervosismo acentuava-se e nem as duas bandas de música, executando sem interrupção um programa popular, podiam neutralizar a expectação.

Na assistência viam-se quasi todos os grandes nomes do ring: o famoso John Sullivan, o não menos célebre Fitzsimmons, o coriário Sharkey, o destemido Ketchell, Tommy Burns, Choynski, Abe Atell etc., etc. O senador Big Tim Sullivan foi, como os anteriores, apresentado à multidão que o ovacionou. Por fim, Billy Jordan, mestre de cerimónias viu chegar, eram duas horas e 38 minutos, no meio de abundante grupo de auxiliares, o famoso paladino da raça branca — e apontou-o à assistência. Um minuto mais tarde chega Johnson, envolvido em vistoso *robe-chambre* de côres berrantes e mostrando os dentes dourados, num largo sorriso de satisfação.

Cêrca de 700 jornalistas preparam-se para redigir as suas impressões. Jack London, escritor famoso e popular, manifestou o seu espanto, dizendo que nem durante a guerra russo-japonesa o jornalismo se havia feito representar tão fortemente...

Os dois homens estão sentados nos cantos respectivos, um taciturno, mastigando pastilhas de goma o outro, tagarela, acenando aos amigos que reconhece entre a multidão. Assim, Jeffries e Johnson, respectivamente, encaram o choque imminente que vai produzir-se. A arbitragem, confiada ao próprio organizador Tex Rickard, tinha todo o carácter de imparcialidade e, quando chamou ao meio do quadrângulo os pugilistas, soube pedir-lhes que lutassem lealmente, afirmando que não tinha empenho na vitória de nenhum deles e concluído por dizer que vencesse o melhor dos dois.

Jeffries saiu do seu canto e descreveu um semi-círculo em torno do negro. Durante longos segundos ambos esboçam golpes que não partem e caem nos braços um do outro.

COMO JACK JOHNSON DERROTOU JIM JEFFRIES

os pormenores do combate

RECONSTITUIÇÃO de RAFAEL BARRADAS

Separados pelo árbitro, Johnson dispara um directo à cabeça de Jeff e defende a tempo um violento *hook* ao flanco. Novo corpo-a-corpo e a saída o branco aplica dois rápidos golpes ao queixo, que Johnson encaxa bem. Novo corpo-a-corpo, seguido de fintas, e o *gong* soa. No assalto seguinte o branco passa ao ataque e atinge o preto no coração, com um bom golpe, que o magoa. Johnson responde duro, à cabeça, com quatro sócos de ambas as mãos, e termina com um *uppercut* na boca do adversário, que o faz sangrar. Jeffries riposta colocando um murro nos lábios do antagonista que, por sua vez, sangra em abundância... Johnson rompe a luta e dança agilmente em roda de Jeffries. O branco ataca mas os seus golpes são parados e recebe dois sócos nas costelas.

No terceiro assalto a velocidade do atleta negro é superior à do branco, ao passo que o vigor deste parece superior. Dois fortes directos de Johnson atingem a vista de Jeffries e reduzem-lhe a actividade. Demorado corpo-a-corpo dá ensejo a que os *uppercuts* do negro pisem as feições de Jeffries. O branco atira dois sócos potentes ao peito e estômago de Johnson, que rompe e contra-ataca quando o timbre soa.

No quarto assalto Jeff toma a iniciativa e ataca, entrando em guarda baixa. Com um golpe rápido atinge o negro na carótida. Johnson sustem a ofensiva agarrando o branco e socando-o no tronco e na cara. Jeff responde com firmeza e embora Johnson evidencie a sua técnica e agilidade, o assalto termina com evidente superioridade do antagonista.

O quinto assalto começa com uma longa série de fintas e, depois, Jeffries atinge o negro com um golpe fortíssimo no ouvido, que o abala.

Em seguida, Johnson, furioso, lança-se sobre o branco e aplica-lhe um murro tremendo nas costelas. Corpo-a-corpo muito prolongado, e, depois Jeff precipita-se sobre o negro e leva-o as cordas. O timbre soa após um potente *uppercut* do pugilista de cor.

Desde o 6.º ao 11.º assalto Johnson contenta-se em evitar os ataques de Jeffries e fazer durar a batalha, convencido, e com razão, de que à medida que a luta se prolongasse o fôlego do campeão branco diminuiria rapidamente. Durante os 5 assaltos o jogo foi fértil em *corpos-a-corpos*, recebendo Jeff copiosos golpes na face. Durante o 11.º assalto Jeff, bruscamente, despertou do letargo aparente em que estava e atira-se ao negro com violência, batendo-lhe com desespero e levando-o diante de si de um canto ao outro do ring. A alegria e a boa disposição de Johnson, impenitente falador, esvaíram-se: apenas procurava escapar-se aos sócos violentos que o antagonista lhe dá no estômago — e que visivelmente o abalam. Mas, infelizmente para o branco, as forças faltam-lhe para prosseguir no ataque e o timbre soa quando Johnson, livre do perigo, dança em redor de Jeffries.

Os rounds 12.º e 13.º servem para aumentar a vantagem do negro. Jeff está enormemente fatigado e não pode enxergar o adversário. Tem os dois olhos quasi fechados por completo e é presa fácil para Johnson, que o martela à vontade e com dureza.

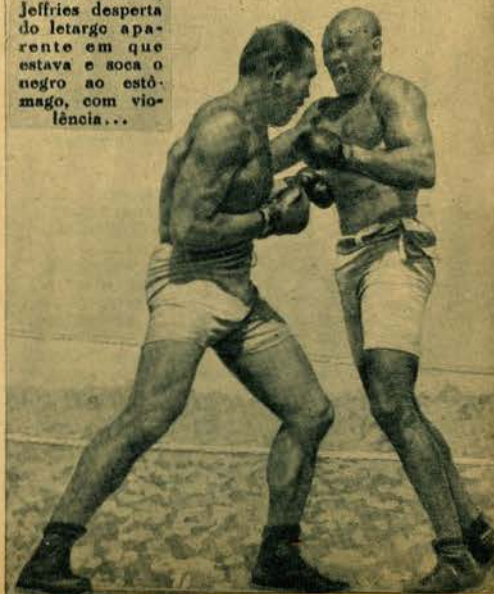
No 14.º round Jeff cambaleia a cada sóco que leva. Só uma coragem magnífica poderia sustentar a punição que impietosamente lhe tomba em cima.

Um silêncio absoluto aguarda o começo do 15.º assalto. Jeff levanta-se lentamente e entra em guarda baixa. Johnson, com um *swing*, levanta-lhe a cabeça e atira-o, literalmente, às cordas, caindo fora do ring. O irmão, num impulso generoso, vem em seu auxílio e ajuda-o a entrar no quadrângulo. O árbitro conta os segundos. Ao nono Jeff levanta-se e cobre a cara com as luvas. Johnson com quatro ou cinco sócostremendoatira-o ao solo, onde está deitado e no limite das suas forças, o valente campeão ouve a contagem final.

Nessa noite, em Chicago e noutros pontos dos Estados Unidos, os negros festejaram tão ruidosamente a vitória do seu irmão de cor que as desordens puseram a policia e as autoridades de atalaia.

Durante dias, mortos e feridos atestavam a inimidade das duas raças e o conflito propagar-se-ia por toda a América...

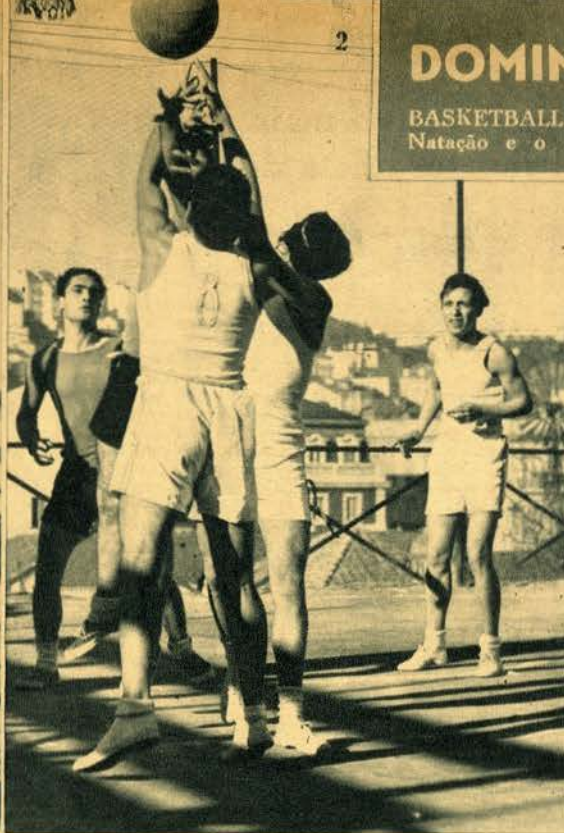
No 11.º assalto, Jeffries desperta do letargo aparente em que estava e soca o negro ao estômago, com violência...



DOMINGO DESPORTIVO

BASKETBALL: — 1 e 2 — Fases do jogo entre o Nacional de Natação e o Ateneu, que o primeiro ganhou por 33-27;
HANDBALL: 3 e 4 — Dois aspectos do encontro Unidos-Estoril Praia, no qual este foi derrotado por 10-6.

(Fotos Nunes d'Almeida)



NO ENCONTRO ATLÉTICO-VITORIA (G.):

1 — Curiosa defesa de um «back» vimaranense;
2 — Catinana remata de cabeça, mas sem êxito



Qual o acontecimento desportivo mais importante do ano e qual o melhor atleta de 1943?!

COM a publicação dos resultados da última semana, deviam encerrar-se — conforme fora estabelecido — os dois inquéritos públicos que «Stadium» promoveu; mas, o avultado número de votos recebidos, até à altura de fecharmos esta notícia, impede-nos de dar hoje a classificação final, o que faremos no próximo número.

O interesse que despertou esta nossa iniciativa, coroada de êxito, justifica-se com a verdadeira «cavalanche» de respostas recebidas: cerca de nove centenas. A nossa redacção chegou a opinião de leitores de Lisboa, Pôrto, Coimbra, Évora e Setúbal, bem como de outras terras: de toda a parte, enfim; e anotou-se que a província forneceu maior contingente, especialmente na última semana.

Muitos dos votantes justificaram a sua escolha; e pode apontar-se, até agora, de entre outros, o antigo campeão de nataçãõ Azevedo dos Santos — o instrutor que fez de Mário Simas um campeão — apresentando como o maior acontecimento a edificação da Piscina «Atlântico», em Espinho, a qual virá a contribuir bastante (no seu e nosso entender também) para o progresso da nataçãõ nortenha; e obras de tal valor devem considerar-se verdadeiros monumentos do desporto nacional. O sr. Pedro Vellasquez, do Pôrto, votou na fusão União-Carcavelinhos, garantindo que essa junção de dois clubes constituiu exemplo e incentivo, pois dela saiu uma colectividade capacíssima (como está a verificar-se agora no campeonato nacional de futebol) de bater pé aos «grandes». E, neste particular, o sr. Guilherme da Palma Carlos, da Luz, é precisamente da mesma opinião...

BASKETBALL

(Conclusão da pág. 6)

Rio Sêco e Operário tornaram difícil a vitória aos seus adversários pela combalvidade e entusiasmo postos na luta; Benfica e Belenenses tiveram, assim, tarefa árdua, pois os seus antagonistas não se deixaram intimidar com a diferença de classe existente entre eles. Após estas jornadas, a classificação ficou como segue: Carnide e Unidos: 12 pontos (sem derrotas); Algas e Belenenses: 10 p.; Benfica: 9 p.; Atlético, Lisgás e Sporting: 8 p.; C. A. C. O.: 7 p.; Maria Pia, Operário e Rio Sêco: 4 p.

A descaida do Atlético, para se colocar a par do Lisgás e do Sporting, é a nota mais saliente da série ultimamente disputada.

Campeonato Universitário

Organizado pela Associação dos Estudantes do Instituto Nacional de Educação Física, por delegação do Centro Universitário de Lisboa da «Mocidade Portuguesa», está a ser também disputado o campeonato universitário.

Com a concorrência de sete equipas, (Ciências, Direito, Agronomia, Económicas e Financeiras, Técnico, Educação Física e Colonial), deve este campeonato satisfazer os fins em vista.

Dos grupos inscritos sobressaem os de Ciências, Agronomia e Económicas e Financeiras, quer pelo valor de alguns dos seus componentes, quer pelos conhecimentos e coesão que demonstram; os restantes disputam bem a bola, com interesse e entusiasmo, obrigando o adversário a não julgar fáceis os encontros.

Elementos categorizados da A. B. L. enquadrados por outros menos conhecidos, valorizam este campeonato. No entanto, parece-nos que as três jornadas semanais impostas aos jogadores, representam esforço demasiado para quem tem de disputar outros encontros de maior responsabilidade nos jogos dos clubes, para os quais faltando a necessária preparação física, acusa-se mais os efeitos de tão grande dispêndio de energias.

Agrava ainda este facto o de se tratar de estudantes obrigados portanto a esforços intelectuais apreciáveis. Dos jogos mais bem disputados apontam-se os que, o grupo de Económicas e Financeiras efectuou com a Faculdade de Ciências e com I. N. E. F.

O entusiasmo posto na luta, mereceu da assistência feitos aplausos, que estimulando os jogadores fizeram elevar o interesse pelos resultados finais.

Agronomia, vencendo o Técnico e a Escola Colonial, mantém-se na competição sem derrotas e com boas esperanças em classificação compensadora. A Faculdade de Direito mostra-se com alguma falta de treino e de conhecimentos técnicos mas bastante esforçada e animosa conforme o seu comportamento até agora mantido.

JOÃO ASSUNÇÃO

O atleta mais votado é Mário Simas, com maioria esmagadora na última semana, deixando Mourão na cola, com menos 35 votos, e todos os outros a grande distância.

Alguns dos correspondentes justificaram a escolha de Simas nos termos seguintes: o único atleta que, provavelmente, representaria condictivamente o país em futuros Jogos Olímpicos; o desportista que, indiscutivelmente, mais progressos tem feito nos últimos anos; o atleta de maior categoria internacional, como demonstrou na viagem à Alemanha, onde fez 1 m. 9 s. nos 100 m. costas, igualando o «récord» peninsular, e o nosso maior atleta e dos mais firmes valores da nataçãõ europeia.

Mário Simas teve por si, principalmente, o elemento feminino — pois foi o atleta em que votou maior número de senhoras...

Publica-se em seguida a classificação actual dos dois inquéritos:

Acontecimento

Vitória do Belenenses no campeonato de Lisboa de futebol	198	votos
Dissidência na secção de nataçãõ do Algés	127	>
Combate de «boxing» Levi-Pedro	102	>
Portugal-Espanha em bilhar	88	>
Vitória do Carnide no campeonato de Lisboa de «basketball»	64	>
Inauguração da pista de cinza do Sporting	56	>
Campeonatos nacionais de atletismo	44	>
Renovação do F. C. do Pôrto	41	>
Ressurgimento do ciclismo em pista	29	>
Recepção ao Benfica	28	>
Triunfo alcançado pelo Vitória no campeonato de Setúbal	24	>
Criação da Direcção Geral dos Desportos (1)	22	>
Vitória dos cavaleiros portugueses na «Taça de Ouro da Península»	21	>
Vitória do Fôstros sobre o Estoril Praia	18	>
Jornadas de Propaganda Desportiva	15	>
Fusão Carcavelinhos-União Lisboa	14	>
Formação da secção de nataçãõ do Estoril Praia	9	>
Inauguração da piscina-solário de Espinho	9	>
Campeonato ibérico de remo	7	>
Triplíce vitória de Jorge Oom em esgrima	7	>
Festa de despedida de Mourão	5	>
Desafio de futebol Benfica-Sporting (s-r) no Lumiar	4	>
Actividade do Belenenses em «handball», imbatível na época	3	>
Festa de despedida de Soeiro Vasques	3	>
Vitória do Benfica no campeonato nacional de futebol	3	>
Vitória de Júlio Mendes Silva nos 200 m. braços dos campeonatos nacionais de nataçãõ	3	>
Dez minutos finais do jogo de futebol F. C. do Pôrto-Benfica	2	>
Jogo de futebol, Benfica-Belenenses, da 1.ª volta do campeonato de Lisboa	1	>
Derrota do Benfica em Guimarães	1	>
Vitória de J. J. Mira Gomes nos campeonatos nacionais de nataçãõ, 100 e 200 m. livres e 100 m. costas	1	>
Vitória de Rogério Miguéis nos campeonatos de patinagem	1	>
Realização do 2.º Pôrto-Lisboa em xadrez	1	>
	854	votos

(1) — Deve entender-se pela promulgaçãõ do regulamento geral do desporto, verificada no ano findo.

Atleta

Mário Simas	136	votos
Adolfo Mourão	101	>
João Azevedo	80	>
Mariano Amaro	67	>
Beni Levi	64	>
Agostinho Guedes	44	>
Fernando Lourenço	42	>
Joachim Teixeira	41	>
Matos Fernandes	35	>
José Pedro	34	>
Francisco Ferreira	32	>
Francisco Inácio	22	>
Luis Neves	21	>
João Lourenço	19	>
Rafael Correia	16	>
Albano Narciso	15	>
Fernando Peyroteo	15	>
Fernando Amaral	14	>
Nogueira Cardoso (Pima)	13	>
Correia Barrento	8	>
Jorge Oom	8	>
Julinho	6	>
Manuel Marques	5	>
Camilo Ferreira	2	>
Afonso Domingues	1	>
Alves Carvalho	1	>
	854	votos

NOTAS & COMENTÁRIOS

PROVOCOU larga decepção a notícia de não se efectuar o anunciado encontro Lisboa-Sevilha, que fornecemos em primeira mão. É desagradável trabalhar para uma prova que não se realiza. Desta vez, não se perderam, porém, os esforços da selecção e preparação da «equipa». Fica tudo para o primeiro Pôrto-Lisboa da temporada. Do mal, o menos. Talvez que isto permita não se repetir a selecção fantasista do ano findo, para o mesmo jogo, quando o «onze» lisboeta foi ao Pôrto.

DISSEMOS, há pouco tempo, que não havia rumor da actividade local no «rugby». Vem por isso a propósito registar que se realizou o primeiro encontro da temporada, entre a Escola do Exército e o Grupo da Veterinária, ganho pela primeira vez por s-o.

Tendo principiado o trabalho de treino entre os jogadores escolares, é de esperar que os clubes não demorem a entrar em acção. E vai sendo tempo, visto que o «rugby» é um desporto de inverno...

DEPOIS do Atlético, que animou e movimentou a primeira fase do campeonato nacional da 1.ª Divisão de futebol, coube ao Olanhense criar novo motivo de atracção. O «onze» algarvio está revelando classe bastante para se converter em adversário perigoso — especialmente na sua terra.

E progride em tudo — no valor da equipa e nas próprias instalações desportivas. Aos melhoramentos já inaugurados, juntos, no jogo contra o Belenenses, o que respecta à vedação do terreno. O Olanhense é, pois, um clube em franco progresso. Antes assim.

O problema dos treinadores nos clubes de futebol oferece, entre nós, alguns aspectos curiosos, visto que, de modo geral, se recorre a antigos jogadores, algumas das vezes sem terem dado provas da sua competência para essas funções.

Seria conveniente haver, como em Espanha, qualquer curso de especialização, onde se formasse um escol de treinadores nacionais. Não esqueça por isso a iniciativa do nosso prezado colega «O Século», há poucos anos. Foi pena ficar sem sequência essa iniciativa, tão digna de elogio.

A esgrima entrou em período de actividade. Como de costume, começou pelo florete — e foram já disputados os torneios de terceiras e segundas categorias. Voltou-se à regularidade das provas. Oxalá que tenhamos também regressado ao entusiasmo de outras épocas.

Num país como o nosso, em que a tendência geral é para esgrimir, não se compreende que a esgrima desportiva não tenha maior número de cultores...

AS «poules» regionais do campeonato nacional da II Divisão em futebol, que não passam de eliminatórias para o torneio propriamente dito, aproximam-se do seu termo, com o agrupamento final dos clubes pelo número final de pontos. Os que não vencerem — ficam pelo caminho, com a perspectiva de descanso forçado. São novas ilusões perdidas.

Mas tudo isto é lei — em desporto. O fundamental é praticá-lo em boas condições. As provas não são um objectivo — são apenas um estímulo para o progresso e propaganda.

RECORTAMOS, num dos últimos números da «Stadium», algumas considerações de Pedro Escarim, acerca da maneira como os árbitros de futebol devem fazer as suas advertências aos jogadores — sempre em condições de os não vexarem perante o público. O jogo Sporting-Académica, no penúltimo domingo, deu oportunidade à referida transcrição. Tudo tem de ser feito com conta — e medida. O que é de mais, não presta...

HÀ tempos, um amigo nosso, daqueles que só admiram o desporto através das proezas dos campeões e que de desporto só conhecem bem o que lêem nas crónicas dos jornais e o muito bem que dóle se diz, encontrou-se connosco numa sala, onde ambos estávamos em cumprimento de certa missão extra-desporto.

Retirámos juntos. A conversa desviou-se, prosaicamente — compreendemo-lo mais tarde — para o desporto.

Dizia-nos o nosso amigo:

— Tu, que tens passado parte da tua vida a pregar em favor do desporto, que tens levado largos anos a indicar regras de bom senso, de compostura, de correcção e de não sei de que mais no desporto, devias ter viajado, como já me sucedeu, numa carruagem de um dos nossos combóios, acamarrado com um grupo desses rapazes que passa o tempo a pontapear a bola — inofensivo juguete do destino, que transformaram em objecto de «distração», mas das vezes que «distrações»!

Calculávamos o que iríamos ouvir. Por isso, muito prudentemente, calámos, serenos, aguardando o resto.

O nosso interlocutor, pacientemente, foi fazendo o seu cigarro. Após tê-lo acendido e saboreado duas ou três fumagens, continuou:

— Nem podes imaginar o que eu vi e ouvi. Suponho mesmo que, se tivesses tido êsse «prazer», chegavas ao teu jornal e fazias da pênna um acorruque, «desancando» os meus companheiros de viagem...

Aproveitámos o compasso de espera para acendermos também um cigarro — e ouvimos:

— Se julgas que me refiro à brincadeiras havidas entre eles, estás muito enganado. Entendem-se muito bem uns com os outros... Mas não... O que eu quero frisar-te é o que aconteceu depois, quando já não tinham mais partidas ou piadas a jogar entre si.

«Assim, os outros passageiros passaram a ser o «boné» — como diz o povo. Eles e os pobres campônios ou moradores das terras do percurso, onde o combóio parava... Só te digo que...

E aqui foi um súdrio de coisas sem nome, graças pesadas, partidas descorteses — um suceder de factos, enfim, que nos deixou sem resposta.

— Não me digas que são rapazes! Eu foi rapaz, tu também, e como nós, todos os homens do nosso tempo — e de todos os tempos. Recordas-te bem como nos divertíamos, como rimos e gracejámos nos tempos das nossas digressões orfênicas, e da impressão que deixávamos em todas as terras por onde passámos, quer em Portugal, quer em Espanha. Sabíamos ser educados. Sabíamos ser corteses. Respeitámos todos, em especial velhos e mulheres. Recordas-te que, em toda a parte, deixávamos a marca indubitável da simpatia!

Ouvimos, calámos e ficámos a pensar na grande verdade que tínhamos ouvido.

Ocalá que a lição sirva para aqueles que, desconhecendo o que devem à sua qualidade de desportistas, procuram não só honrar êsse título nobre — mas defenderem o bom nome da sua terra e do seu clube...

MÁRIO AFONSO

Notas... sem valor

MAIS uma «formação» do Salgueiros no jogo com o Benfica... O segundo representante do Pôrto no Campeonato Nacional da 1.ª divisão anda com «gata»... Não há no grupo uma coisa certa para melhor equilíbrio de jogo...

— Brinca-se, por vezes, com coisas muito sérias, que servem para criar complicações nos departamentos futebolísticos. Deve haver outros «processos», mais indicados, para solucionar as questões pessoais...

— No regional de «juniores» tem faltado um dirigente da Associação do Futebol do Pôrto para «observar» certas «coisas» dos jovens praticantes... No Boavista-Salgueiros, o Abel da Costa, foi muito «pacato»...

— Atletismo de inverno, nada!... Deixam passar uma quadra bastante propícia para a

REVISTA DA SEMANA

A «infelicidade» de Soares dos Reis II

A maneira como se exibiu o guarda-rêdes do F. C. Pôrto no encontro com o Vitória de Guimarães tem dado margem aos mais acres comentários.

Em boa verdade, a forma como era batido o guarda-portuense pode dar motivo a toda a espécie de considerações; no primeiro tempo deu a impressão, a toda a gente, de que estava no lugar contra vontade, ou então tinha perdido as poucas qualidades demonstradas durante o campeonato regional.

Quem viu o jogo, teve, a certa altura do encontro, a impressão de que Anjos, capitão do «onze» local, lhe havia dito qualquer coisa de desagradável, afirmando-se mesmo que lhe havia apontado o caminho do balneário.

Fôsso ou não verdade, o certo é que, na «Brasileira», no dia seguinte, os mais ferrenhos admiradores do F. C. Pôrto davam ao gesto daquele jogador uma interpretação conforme com o que deixamos escrito.

Soares dos Reis II estava a prejudicar enormemente a actuação do seu grupo, pondo em sobressalto a defesa — com Guilhar a reaparecer oficialmente em campos portuenses — e destruindo todo o labor acertado da linha da frente.

Esta, por sua vez, estava em tarde feliz, dominando bem o sector defensivo do Vitória, no qual se destacava a acção enérgica do duo Lino e João.

Araújo muda de ares?

HÀ quem afirme que o interior direito do campeão regional tem em projecto a sua deslocação para Lisboa.

A ser assim, isso deveria ter acontecido, isto é, essa ideia deveria ter nascido após os encontros que o F. C. Pôrto realizou na capital, nos jogos finais da 1.ª volta do Campeonato Nacional.

Deixamos aqui êste apontamento somente para ver se o futuro se encarrega de o provar...

O Pôrto-Galiza ficou adiado

LA tínhamos as nossas razões quando pusemos em dúvida a possibilidade dêste encontro. Havia já o precedente do ano anterior e nada nos indicava que as razões que determinaram a sua anulação na época finda tivessem deixado de existir neste momento.

O intercâmbio desportivo terá, pois, de aguardar outras possibilidades. Quando a paz voltar ao mundo e lhe der normalidade na sua vida, ainda teremos bastante que esperar antes que se efectuem os grandes jogos internacionais. Ninguém ignora que as nações ficarão com os seus quadros desportivos desmantelados. Serão precisos anos para os reorganizar e dar-lhes aquela homogeneidade técnica que era a delícia de quem tinha a dita de assistir aos belos embates entre os agrupamentos desportivos das nações.

Façamos todos votos para que tudo regressasse brevemente aos tempos antigos, para bem da Humanidade!

modalidade. Só há o trabalho isolado de dois clubes portuenses — Académico e Pôrto. António Cadete tem a «chefia» da secção do Académico. Persistente ao máximo, quer, portanto, desenvolver bem a sua acção directiva. Tem um bom colaborador, o dr. Alberto Martins, vice-presidente da direcção do Académico.

— Do sul, chegou à A. B. P. um «apontamento» muito curioso. Foi um bom «sabonete» para os dirigentes do Norte, com o esclarecimento da Federação...

ATLETISMO

O F. C. do Pôrto e o Académico começaram a movimentar-se...

MAS a triste situação do atletismo nortenho mantém-se... Isto é: no espaço das cinco semanas, durante as quais outros trabalhos nos obrigaram a abandonar a nossa tarefa nestas colunas, nada se fez, nenhum passo se deu — por mais insignificante que fôsso — em favor da salutar manifestação desportiva que é o atletismo.

É certo que os nossos dois mais importantes clubes estão já em actividade, preparando as suas «turmas» para a época que se avizinha. Mas isso não basta; não representa quasi nada, se, em primeiro lugar, e antes de qualquer outra iniciativa, não se tomar a da organização administrativa e técnica da A. P. A.

Que farão os clubes, só por si, se não tiverem uma Associação, devidamente organizada, que patrocine a sua actividade?

E pergunta-se, ainda: se os clubes estão na verdade interessados pelo atletismo, se dispõem mesmo das secções respectivas, qual o motivo porque se desinteressam da organização dos serviços da A. P. A.?

É certo que a maioria dos clubes tem razões para êsse alheamento. E quem se der ao trabalho de ler tudo quanto temos escrito, sobre o atletismo nortenho, nestes últimos seis anos, encontrará não só o x do problema como deixará de lhe parecer tão paradoxal, como à primeira vista parece, a atitude das colectividades portuenses que se dedicam ao atletismo.

Na realidade, os clubes têm certas razões, que justificam em parte as suas atitudes de declarado comodismo: saturados de suportarem as deslealdades, as injustiças e as vaidades ócas dos dirigentes que nas últimas épocas passaram pela A. P. A., acabaram por se aborrecer e por deixar à vontade êsse «grupo» (e aqui achamos que fizeram muito mal) que trouxe ao nosso atletismo a «linda» situação em que se encontra!...

Não foi, pois, aereamente que durante as últimas épocas demos o sinal de rebate. Os factos, infelizmente, vieram dar-nos todas as razões — e mais uma... E assim se justifica que tenhamos hoje atletas, clubes e público — e não tenhamos uma Associação devidamente organizada! O paradoxo tem, pois, a sua justificação...

Mas êste estado de coisas não pode continuar. Cabe, portanto, aos clubes — e a mais ninguém — dar-lhe uma solução condigna: uma reunião preparatória de todos quantos se interessam e podem trabalhar pelo atletismo — impõe-se desde já. Servirá essa reunião para se lançarem as bases para a completa remodelação dos serviços da A. P. A., que se encontram em verdadeiro caos... Esqueçamos os «autores» dos maus dias do atletismo portuense e façamos política nova, que traga à modalidade o ambiente de paz e de trabalho que ela necessita. E tudo isto só poderá fazer-se com êxito se os clubes quiserem... Têm, pois, a palavra.

*

Arnaldo Borges voltou à chefia técnica da secção de atletismo do F. C. do Pôrto — e ainda bem.

Os dirigentes do clube da Constituição souberam reconhecer o seu trabalho da última época e ofereceram-lhe, ao mesmo tempo, todas as garantias materiais para a que se aproxima. De Arnaldo Borges e de Luís Retumba muito tem a esperar a secção de atletismo do F. C. do Pôrto.

Quanto ao Académico, registamos com prazer a presença do valoroso Cadete na chefia da secção.

No próximo número falaremos, mais de espaço, da actividade dos clubes.

EDUARDO SOARES



**NA 12.^a
JORNADA**
EM SETÚBAL: 1 — Idalécio defende «apertado» por Peyroteo; 2 — Azevedo, ajudado por Cardoso, arrebatou a bola da cabeça do fogoso Rodrigues (fotos Manique). NO PORTO: 3 — Um centro de Correia Dias (foto Hermann). EM OLHÃO: 4 e 5 — Duas defesas de Acácio, o corajoso «keeper» dos estudantes (fotos C. G. Rabeca).



muibnt